Sorriso | Luís Henrique Kulik Santos

Gilberto acordou naquela manhã sem nenhuma esperança de felicidade no dia por vir. Escovar os dentes no banheiro o obrigava a olhar a si próprio no espelho do armarinho. Ele odiava cada detalhe em seu rosto. Odiava mais que tudo as próprias olheiras, e por pouco não odiava as suas grandes orelhas na mesma proporção.

Sem mais delongas ele tratou de fazer café. Seu celular vibrou com uma notificação de uma foto de sua prima de quarto grau, Fiona Ribas, que havia postado uma foto de TBT de praia. A irmã dela comentou que dava para sentir o gostinho do verão. Ele gemeu sentindo que estava sendo espiritualmente torturado.

Pegou uma caneca cheia de café preto quente e um pacote de "Club Social" sabor pizza. Olhou para a escada e aguçou os ouvidos a ameaça de qualquer passo. Como sua esposa não parecia ter feito nenhuma menção de ter acordado ele tratou de botar a mão na massa.

***

Riana acordou com o terceiro despertador que tocava a música mais detestável que ela tinha conseguido encontrar. Levantou-se e desceu as escadas com lentidão. Ela ficou boquiaberta ao se deparar com a figura serelepe em volta da mesa. Ele estalava os dedos, se abraçava, rolava no chão e agradecia a Deus de joelhos. Ela se sentou pegando uma xícara de café enquanto refletia se aquele era motivo suficiente para uma internação psiquiátrica. Ele prosseguia com seu show e ela se serviu de um pão torrado com margarina.

O celular dele estava em cima da mesa. Ela alcançou e encontrou o Facebook de um homem.

— Gilmar Azevedo Steves Viana. — Leu em voz alta para ter certeza. Ele não pareceu ouvi-la em meio às celebrações espalhafatosas.

Procurou por mensagens recentes no Facebook do Gilberto, e não encontrou nada. Ela verificou as abas abertas e havia dois sites no Google Chrome em segundo plano. Abriu e encontrou o mesmo "Gilmar" nos óbitos recentes. O outro site levava ao jornal público local que narrava um acidente de veículo. Ela leu a tudo prestando tanta atenção quanto conseguia àquela hora. Gilberto olhou-a de relance antes de abraça-la bem forte.

— Gil, que isso? — Ela perguntou assustada.

Ele a beijava por todo o rosto.

— Isso... — Ele dizia com um sorriso enorme que parecia crescer e pulsar para se sustentar. —... É o melhor dia da minha vida!

Ele abriu a geladeira e pegou a garrafa verde de champanhe. Mexeu até a espuma triplicar. Quando abriu a tampa deixou aquilo espirrar em tudo a sua volta. Nomeou este momento como seu "Batismo da Euforia" e bebeu tudo em três goles fartos. Ofereceu o bico a ela. Riana recusou porque acreditava que beber qualquer coisa alcoólica antes da tarde seria antiético. Em seguida a isso ele estendeu a mão para ela.

— Dança comigo.

Ela não conseguiu recusar. Seguia o fluxo dos acontecimentos sem

muita certeza se não eram alucinações decorrentes de um coma, ou pior. Riram em sincronia com movimentos absurdos. Por mais que ele também risse ainda mantinha rígido o sorriso colossal que tomava sua face.

— O que aconteceu? Sério. — Ela questionava se sentando. Estava ofegante e um pouco suada.

— Gilmar. — Ele disse com naturalidade. — Gilmar morreu, ué.

— Espera... Você tá comemorando só porque o Gilmar morreu?

— Sim. — Ele deu de ombros e se serviu mais um pouco de café.

— Não porque ele morreu e surgiu uma vaga pra você na faculdade que ele dava aula, ou... Sei lá, outro motivo... Só porque ele morreu?

— Sim. — Ele mexia a cabeça para cima e para baixo com muito entusiasmo.

Ela se levantou de súbito.

— Nojento. — Apontou o dedo para a cara dele. — Isso é nojento! Me ouviu?

Ela subiu a escada murmurando ofensas tremendas com uma indignação tamanha. Vestiu-se para o trabalho e saiu pela outra escada até a garagem no subsolo. Não se despediu, nem disse mais nada. Ele não se abalou e seu sorriso enrijecido não diminuiu. Só de pensar em Gilmar ele conseguia rir com força e continuamente sem esforço. — *"Gilmar morreu".* — Era tudo o que conseguia pensar. Não importava se seriam cem, ou um milhão de vezes, repetiria para si as palavras do jornal local

sobre o acontecido. Cada sílaba de cada palavra escolhida na matéria o fazia rir ainda mais.

Gilberto foi ao trabalho depois do almoço mesmo que ficasse devendo ao banco de horas do escritório. Seus lábios secos e dentes amarelados não descansavam o sorriso exagerado. Pela tarde perdeu três possíveis clientes e dois outros clientes de longa data. Ele até tentou tapar com a mão, ou usar uma máscara cirúrgica, ou erguer a gola do casaco até o nariz. Sentia-se muito triste no fundo por perder sua seriedade melancólica habitual, mas não conseguia conter a si. Antes de ir embora os sócios pediram para que fosse para casa, e depois de terem explicado a situação também pediram para ele voltasse só quando a situação do "sorriso" passasse.

Gilberto voltou para casa e encontrou uma carta de sua esposa. Leu-a e agora percebeu que sua futura ex-esposa tinha asco de sua pessoa, e: *"preferia morar com a mãe que a traumatizou por uma vida inteira do que morar com um maníaco sorridente pelos óbitos alheios"*. Ele se sentou no sofá, e mesmo sentindo que seu mundo desabava não conseguiu parar de sorrir. Por um instante achou que fosse chorar, mas a sensação passou tão rápida como um "quase-espirro".

Ele esperou que o sorriso passasse na primeira semana. Continuou sua vida como se nada estivesse diferente, exceto pela ausência da futura ex-esposa. Seu sorriso congelou alguns músculos necessários para a mastigação, e depois de um dia tentando comer mastigando ele teve uma ideia que interpretou por genial. Passou a bater a comida no liquidificador. Todos os alimentos passaram a ficar com o mesmo gosto

depois das lâminas os destruíssem na potência mais alta do eletrodoméstico.

Ele tentava assistir TV, ver vídeos, ou ler noticiais, mas nada ressonava tanto com ele quanto a morte de Gilmar. Mesmo relendo a matéria ele conseguia imaginar a cena em que a esposa caía prantos ao descobrir o que houve pelo telefone. O caixão estaria vazio e o pó seria entregue em um recipiente adequado que, na sua imaginação perturbada, se trataria de uma lata de café. Tudo isso parecia uma piada que o fazia rir continuamente. Mesmo estando cansado tudo o que conseguia era rir independente da hora e lugar. Nem mesmo ele sabia que também ria dormindo.

Gilberto foi a um médico que o indicou para tantos outros exames com outros médicos de áreas dispersas dentro da medicina. Cada exame dizia que ele estava “normal”, mesmo que fosse de raios-x a questionários simples. O psicólogo e a psiquiatra não sabiam o que dizer de todo o caso. Todos os médicos deram um atestado, e com o resultado inconclusivo dos exames ele teria de refazer todos esses caso os sintomas curiosos persistissem por mais tempo. Ele se isolou do mundo a sua medida e sem perceber descartou o celular em um canto escuro da casa depois de ter imprimido a noticia sobre a morte de Gilmar.

Depois de um mês repetiu todos os mesmos exames com uma parcela dos mesmos médicos originais, com exceção de alguns substitutos designados na última hora. Os resultados não mudaram e ele prometeu voltar dali a dois meses.

Gilberto pediu para que o demitissem do escritório. Depois disso ele até tentou ser um comediante. O resultado foi pior possível pelo fato dele contar sempre a mesma história da morte de Gilmar por horas a fio, e persistir rindo mesmo que ninguém risse com ele. E então tentou outras coisas, como ser ator. Mas também foi rejeitado por isso, pois não havia filmes do "Coringa" e nem do "Homem que Ri" no Brasil — como lhe foi dito. E por fim qualquer coisa relacionada à dentição, porém seus dentes já estavam tão amarelados que nada resolvia o problema, nem mesmo produtos experimentais. Um dia ele recebeu uma conta pelo correio e sem ter o necessário para pagá-la saiu pela porta torcendo para não precisar voltar. Prometeu que viveria feliz mesmo sem os luxos que uma casa poderia proporcionar a ele.

***

Riana foi até a casa para questioná-lo se venderiam os carros e/ou a casa. Gilberto não respondia as mensagens no celular, nem os e-mails pessoais ou profissionais. Ela não o encontrou em nenhum lugar. Achou um liquidificador sujo na pia com um cheiro forte de torresmo e pimenta. Procurou por qualquer mensagem e não encontrou nada. Ligou a televisão e se sentou no sofá para espera-lo pelo menos até o anoitecer. Para sua sorte encontrou-o. Não da forma que esperaria, mas a sua vida sempre foi cheia de surpresas.

A reportagem acompanhava um homem barbudo que era conhecido pelo maior sorriso da região. Não diziam seu nome, mas diziam idade, profissão (antes advogado, agora desempregado) e por onde andava vivendo.

— Este senhor de cinquenta anos hoje vive na esquina da Rua dos Gatos com a Avenida das Pombas, hoje mais conhecida como “Cruzes de Canudos”. — A jovem repórter aproximava o microfone do homem sentado em algum degrau de algum estabelecimento aparentemente abandonado.

— Eu vim pra cá depois que minha esposa foi embora. Não conseguia trabalhar como advogado, e não tinha outros trabalhos pra mim. Um dia saí de casa e comecei a andar, andar, andar... Andar, andar e andar e cheguei aqui. — Ele gesticulava muito com as mãos e os braços.

Ao terminar de falar deu algumas risadas que pareciam saídas da boca de uma raposa. Engasgou com saliva e tossiu por meio minuto.

— E o senhor vive aqui agora? — Ela perguntou batendo o microfone nos dentes dele. — Desculpa!

— Tudo bem.

Riana pensou que não tinham muita verba pela falta do corte da edição nesse momento o jornal local daquele canal, ou era só uma repórter com um quadro tapa-buraco na programação que se estenderia pelo resto da tarde.

— Eu vivo aqui sim... Os canudos me fazem rir. — As imagens cortaram para ele rindo ao apontar para um deles bem de perto.

Os canudos eram postes elétricos brancos de formatos cilíndricos. A imagem voltou à repórter andando pela rua.

— A história do bairro de São Mepele mudou drasticamente quando

um carro em chamas bateu em três postes antes de parar em uma esquina consumido demais pelas chamas para poder continuar. O veículo era um modelo Hataki e a empresa que vendia essa marca tinha acabado de chegar ao Brasil. Supreendentemente haviam chamado todos os veículos da marca para um recall em todas as mídias. De acordo com Marta Steves Viana, esposa do falecido, Gilmar tinha acabado de levar o celular ao conserto e levava o carro para o mecânico para consertar um defeito no rádio que trocava de estações sem parar.

O som de Gilberto rindo sem parar não foi abafado ou cortado na edição.

Riana configurou o aplicativo do GPS com o endereço e foi para lá imediatamente.

Gilberto ainda guardava somente uma folha de papel plastificada no bolso do casaco espesso. Lia a reportagem e ria tanto quando a primeira vez que teve seu contato com ela. Ainda anestesiado pela própria risada fazia questão de ler quando achava ter esquecido uma palavra, ou um trecho em especifico.

A entrevista tinha sido encerrada há alguns minutos.

— Eu não sei o que mais de interessante a gente pode achar nesse buraco. — A repórter puxou um cigarro elétrico da bolsa enquanto conversava com o garoto das câmeras.

— Gilmar morreu aqui? — O “câmera” desatento perguntou. Durante toda a entrevista absurda ele imaginava que Gilberto fosse um ator contratado para tornar a história do acidente um pouco mais interessante.

— Isso. Bateu ali. — Gilberto apontou para o primeiro canudo. — Depois ali. — Então apontou para o segundo canudo. — Bateu aqui e terminou ali ... Aí parou e pegou fogo.

— E você ri?

Gilberto balançou a cabeça em positiva.

— Massa. Olha isso aqui. — O garoto puxou do celular uma imagem de outro rapaz. — Odeio esse desgraçado.

Gilberto arregalou os olhos.

— Também acho que se ele morresse eu largaria tudo. — O rapaz comentou já voltando a mexer no Instagram sem parar.

— O que você tá fazendo Leo? — Renata questionava o colega mexendo em seu telefone e conferindo as fotos das férias em que todos os seus colegas de faculdade, entre eles alguns desafetos bem sorridentes e riquíssimos.

— Contando do Mauricio pra ele.

A garota respirou fundo girando os olhos pra cima.

— Qual a nova?

— Ele tá trabalhando no mercado aqui perto.

— Mas ele não investia em ação quando tava estagiando? Achei que podia viver só disso.

— Ele podia. — O rapaz deu de ombros. — Se a empresa que ele

investia não tivesse dado o calote e ele perdesse toda a grana.

O garoto riu uma risada que Gilberto interpretou por saudável e invejável. Ele também sorriu levemente, respirando fundo com os ombros baixos e olhos fechados. Estava contemplativo em seu próprio ódio. Gilberto amou poder assisti-lo tão de perto.

— Mas quem sabe o que o amanhã pode trazer pra ele? Eu torço que ele bata o carro, perca a casa, a namorada, ou sei lá. Mas se ele morresse o que que eu ia fazer? Hein, me diz? — O rapaz perguntou a Gilberto. — Acho que viria aqui e me juntaria a você.

Gilberto só deu de ombros. Os dois agradeceram e se despediram alguns minutos depois disso. Gilberto tentou ler a reportagem de volta, mas não conseguia ter a mesma euforia de antes. Gilmar tinha morrido há dois meses. Quando seu arqui-inimigo faleceu ele tinha esposa, carro, emprego dos sonhos, filhos, etc. — *"E eu? O que eu tenho para alguém me odiar?".*

Gilberto se sentiu muito bobo por ter perdido tudo. Ainda mais por rir tanto de uma piada velha que, agora mesmo, não parecia mais ter tanta graça assim. Seu sorriso foi se diluindo até uma face inexpressiva com a pele esticada demais. Começou a chorar, e sufocando o próprio som nas próprias mãos permaneceu ali, fizesse chuva ou sol, por sabe-se lá quanto tempo.

Riana apareceu somente no dia seguinte. O levou até o carro sem saber o que dizer. Ele chorava soluçando sem parar.

— Gilberto! O que foi? — Ela gritou desesperada. — O que aconteceu

com você?

— Gilmar morreu. — Ele falou para ela, e para si. — Gilmar morreu! — Repetiu para o mundo. Ele se sentia como um vaso de flores mortas.

— E agora?

Ainda chorando ele foi levado para casa. Ela o deitou na cama e sentou ao seu lado para cobri-lo. Ele já parecia estar dormindo profundamente vertendo cachoeiras de lagrimas.

— Quem faz o palhaço rir? — Ele perguntou sem abrir os olhos.

— Eu não sei. — Ela respondeu sabendo que ele poderia passar por aquilo por mais uma noite ou uma eternidade. — Mas ninguém chora sozinho pra sempre. — Ela afagou seus cabelos e beijou-o na testa antes de levantar-se e sair.

Ele tentou alcançar seu braço em vão. Ainda deitado olhou para o teto e encontrou míseras forças para, de forma solitária, proferir três últimas palavras antes de adormecer para sempre:

— Ninguém faz Verão...